



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8



Holografia: Palimpsestos de realidades existenciais

NUNO CHUVA VASCO, ROSA MARIA OLIVEIRA, ÁLVARO MIRANDA SANTOS
Universidade de Aveiro e Universidade de Coimbra

~ {chuvavasco, rosaoliv}@ca.ua.pt ~ alvaromirandasantos@clix.pt

Resumo:

Ao longo dos anos, a arte foi se transformando, devido a diversas mutações. As mudanças sócio-históricas, as diversas alterações do conhecimento e as inovações tecnológicas são factores que contribuíram, para que também os modos de percepção das obras se alterassem. A holografia artística e os modos de a entender são um exemplo dessas modificações. As formas de ver a matéria, o tempo e o espaço mudaram simultaneamente com ela. Estas novas mudanças, sobretudo os novos tratamentos do tempo e espaço colocam a holografia no topo da representatividade imagética. As grandes semelhanças, entre a realidade primeira e a sua representação são fruto de um medium tecnológico, que permite uma elevada correspondência entre uma e outra. Criticar a holografia artística é pois, questionar tudo o que lhe deu origem, na sua total dimensão.

Palavras-chave:

Holografia, arte, realidade, espaço, tempo, mimesis.

A holografia, descoberta em 1948¹, apenas se desenvolveu plenamente após a descoberta do laser. Então rapidamente foi testada, como uma aplicação, sendo um novo médium para uso em criações artísticas. Inicialmente, as imagens holográficas eram muito coladas à realidade do objecto, mas rapidamente se autonomizaram, desenvolvendo vários tipos de propostas, conforme a sensibilidade de cada artista, tal como nas outras tecnologias e materiais. Hoje adquire uma nova importância, pelo que podemos dizer, que com ela também surgiu um novo conceito plástico. De facto, muitos são os artistas, que experimentaram esta tecnologia e com ela concretizaram um novo registo da realidade. Por outro lado, convirá não olvidar, que o fruidor desempenha um papel cada vez mais importante nos processos de criação, colocando questões sobre o artista e a natureza da obra. Esvanece-se estéticas obsoletas, criando em contrapartida a propagação de interfaces tecnológicos, fazendo uso de circunstâncias sensoriais e extra-sensoriais, em processos multi-diversificados, onde a proprioceptividade, a emoção e as significações são altamente realçadas.

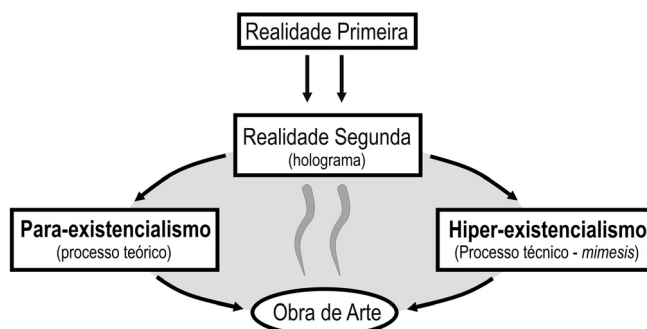
A realidade é sempre o ponto de partida para qualquer criação plástica e na holografia, esta realidade acaba por ser espelhada na obra. Por esta razão, podemos dizer que a holografia é um

¹ Denis Gabor [1900-1979] foi em 1948, o inventor da holografia, mas esta só foi desenvolvida na década de 60, graças a descoberta do laser.

registo “total” da realidade. Registo, porque fixa numa placa emulsionada, de alta resolução, as franjas de interferência resultantes de feixes da mesma frequência e coerentes²; e “total”, porque o resultado desse registo corresponderá a uma tradução mimética e plurívoca da realidade que lhe deu origem. É esta “totalidade”, que propicia ao fruitor um envolvimento constante com a obra.

O plano da obra expressa-se, não de forma equívoca, mas antes pelo contrário, apresenta-se como uma duplicação da realidade, incorporando todas as suas características. “À primeira vista, olhar para um holograma é como ver um objecto através duma janela, de maneira que a sugestão do espaço pode ser interpretada como se da realidade se tratasse³. Cria-se pois, uma mimesis de toda a informação visual e espacial da realidade primeira, uma espécie de palimpsesto imagético, onde num determinado suporte encontraremos uma sucessão de elementos, que narram a objectualidade física da realidade/tema. Não se trata, no entanto, de prostrar a realidade primeira, mas sim, de lhe dar outro sentido existencial, caso contrário estar-se-ia a criar processos documentais e menos artísticos. Por essa razão, dentro do efeito especular, toda a tradução literal da realidade submete-se a novas interpretações, auxiliadas por processos “transtextuais”. Com efeito, a holografia artística só existe pela sua artisticidade, quer isto dizer, pelas características que a tornam obra de arte – um para-existencialismo. Neste contexto, a relação dos vários elementos inerentes à sua criação, favorecem a sua interpretação. A obra estará portanto sustentada e alicerçada, por um rol de elementos acessórios, alguns dos quais lhe são exteriores e a ajudam a correlacionar-se no contexto em que se encontra. Por outro lado, são as suas características de amplitude, comprimento e fases de ondas electromagnéticas (a luz), que argumentam em favor de uma mimesis, evidenciando um complexo jogo de relações, que por sua vez permitem a evidenciação de diversos momentos espaciais. Tal só é possível, porque de facto, cada ponto do objecto impressiona toda a placa e cada ponto desta é uma visão de conjunto. A quadrimimensionalidade criada é um prolongamento da realidade primeira. Trata-se de uma realidade directamente relacionada com a realidade segunda. Esta relação – hiper-existencialismo, é, digamos, a maior evidência da holografia 3D, visto que esta abandona a alusão das tradicionais técnicas artísticas e passa a ser uma ilusão, uma vez que corresponde à realidade primeira de forma absoluta, mas nunca chega a sê-la. Esta “fala” e “narra”, sobre a primeira, sobre os seus conteúdos, sobre aquilo a que lhe corresponde. A holografia, já não se apoia apenas sobre um medium, mas sobre um processo em constante acção.

Transtextualidade artística



Esquema de transtextualidade artística da holografia

Saliente-se ainda, o facto desta sequência, que vai da realidade primeira, até à obra de arte, passando pelos vários processos que legitimam a holografia como obra de arte, apenas ficar

² A luz libertada pelo laser é “coerente”, ou seja todos os fotões do mesmo movem-se de forma organizada, paralelamente e na mesma direcção, e com um único comprimento de onda, isto é, uma única cor.

³ Oliveira, Rosa Maria, tese de doutoramento, “Pintar com Luz – Holografia e Criação Artística”, p. 57, Aveiro, 2000.

completa após a efectivação dos seus elementos exteriores, tais como as referências à obra, e após o cumprimento da similitude entre a realidade primeira e a realidade segunda. No fundo, entre realidade primeira e obra de arte, encontra-se a representação da realidade primeira (holograma), que só será efectivada como obra de arte após a observância desses factores.

São as ínfimas partículas de emulsão, que suportam um registo microscópico de ondas de interferência luminosas e que literalmente desvendam a realidade segunda. A racionalidade a esta representação, só é possível, porque existem factores informacionais, que permitem extraí-la da realidade física e só assim é possível o seu deslocamento, para um fenómeno virtual de tempo e espaço. Ainda que o suporte seja físico e facilmente visível, este desaparece estreitando o laço entre o espaço e a representação e entre esta e o fruidor.

Esta realidade virtual criada pela holografia suscita uma interacção com o tempo e espaço, permitindo-nos deduzir novas e diferentes concepções estéticas, segundo as diferentes modalidades holográficas e por conseguinte incrementar novas razões taxionómicas. Analisar a holografia será antes de mais apreender a realidade primeira e racionalizar sobre esta, criando uma equiparação biunívoca. Questionar uma realidade sintética (no sentido de artificial) é antes de mais, reconhecer a amplitude sgnica da realidade primeira e promover a sua especulação, no sentido do apuramento do seu verdadeiro significado estético/holográfico. A posição do fruidor será claramente orientada por estas relações de dicotomia, uma vez que a realidade primeira se desdobra e adquire uma nova extensão, que embora semelhante pertence ao domínio da significação. A totalidade de informação, que a representação holográfica oferece traduz-se num paralelismo conivente com a realidade primeira e logicamente submete-se à pluralidade de opiniões por partes dos fruidores. Se bem que essas novas concepções possam evocar a referência à realidade primeira correspondente, existirá contudo diversas interpretações da obra, em virtude do absoluto desconhecimento da realidade primeira. Portanto, ele apreende, explora e formula novas significações. Note-se, que a descrição da holografia sobre a realidade primeira é igualmente possível nas atitudes mais actuais e abstractas, onde a realidade primeira tem origem nas interferências de ondas de luz. Porém, poderá não ser identificável uma directa relação entre realidade primeira e representação holográfica. Nestes casos, a tradução linear mantém-se, mas perde-se a informação que complementa a realidade primeira e consequentemente, a fruição torna-se dispersa. A plurivocidade de opiniões aumenta e a obra enriquece-se.

A holografia como teatros da realidade é nos dias de hoje, o maior paradigma da imagem absoluta. Na sua acepção etimológica, ela “escreve tudo” é portanto o registo de uma infinidade de interferogramas, que vai criar uma interacção, seja num mundo que simula a realidade, seja num mundo simbólico ou imaginário. É nesta relação de dependência, onde uma descreve a outra e na multidimensionalidade do espaço e do tempo, que a obra se enobrece.

Bibliografia

Oliveira, R. (2000). Tese de doutoramento, *Pintar com Luz – Holografia e Criação Artística*, Aveiro.

Genette, G. (1982). *Palimpsestes: la littérature au second degré*, Paris: Seuil.

Poissant, L. (dir.) (1995). *Esthétique des arts médiatiques*, Québec: Sainte-Foy: Presses de l'Université du Québec.

Poissant, L. (dir.) (1997), *Dictionnaire des arts médiatiques*, Québec: Sainte-Foy: Presses de l'Université du Québec.